

DA CAMINHADA DA DOAÇÃO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL - TRAVESSIA DE SABERES E DE CUIDADO¹

Deyvid Fernando dos Reis² - UEL
deyvid_fernando@yahoo.com.br

Lúcia Helena Batista Gratão³ - UEL
lugaratao@uel.br

*Dedicamos este trabalho a
Antonio Alencar Sampaio,
amigo e mestre de caminhadas...*

*Quero o meu sertão cantar;
Com respeito e com carinho.
Meu abrigo, meu cantinho
Onde viveram meus pais.
O mais puro amor dedico
Ao meu sertão caro e rico
De belezas naturais
(O retrato do sertão, Patativa do Assaré, 1978)*

Por entre Caminhos...

Para dar início ao nosso trabalho, gostaríamos de convidá-los a acompanhar estas linhas com o mesmo olhar e sentimento de quem que, com conversa faceira, fala sobre as singularidades da vida, por isso, grafamos este texto na terceira pessoa como sujeitos de experiências e vivências (pessoais), nada de impessoal, pois, se falasse delas no impessoal não seriam nossas; não teriam os mesmos sentidos que aqui têm.

Se cada teoria social é uma teoria pessoal, falar no impessoal, sem sujeito, não passa de uma consumada mentira, um passe de mágica, que procura fazer o perplexo leitor que não foi alguém muito concreto que escreveu o texto, mas antes um sujeito universal, que contempla a realidade de fora dela. (ALVES,1985, p. 29-30)

¹ Eixo 7: Procesos de la interacción sociedad naturaleza.

² Pesquisador do Grupo de Estudos de Geografia & Humanismo.

³ Pesquisadora do IMAP & P/CNPq e Coord. do Grupo de Estudos de Geografia & Humanismo.

A obra de um artista, seja ele um pintor, escultor, músico, enfim, é sua maior expressão. Por sua obra seu subjetivo é objetivado. É o dar a luz aos sentimentos gestados no seu útero de subjetividades. É a verdadeira sabedoria escondida em cada ser e revelada por pessoas sensíveis como os artistas. Este trabalho retrata um pouco dos sentimentos de vivências e experiências no e pelo sertão pernambucano, o que justifica o texto em epigrafe de Patativa do Assaré em seu poema nomeado *O retrato do sertão*. O trecho do poema, assim como tantos outros de mesma autoria, descreve o sentimento de pertença “*ao tostão nata*”, ou terra natal, expressado pelo autor em forma de poema se tornando a voz e a expressão não só do autor como também de todo povo que compartilha do mesmo sentimento de amor pela terra e pela cultura dos sertões de Pernambuco. Falar do sentimento de pertença de um povo é resgatar o sentimento que a muito tem se perdido em benefício de uma agressividade – que insistimos chamar de progresso – em relação ao planeta e ao próprio ser humano. Esta agressividade sem limites não respeita os saudosos valores de amor e compaixão pelo lugar, já esquecidos por muitos, mas vivo ainda no sertanejo pernambucano, presenciado por nós quando passamos por “aquelas bandas” como diria o sertanejo, por conta da “caminhada da doação”.

A caminhada da doação é um acontecimento anual que tem por fundamento resgatar o sentimento de amor e compaixão pelo outro, enquanto co-habitante de uma mesma Casa o Planeta Terra e pelo Planeta enquanto *ethos*, morada, habitat não só no sentido físico como também no sentido moral e ético.

A Caminhada perfaz caminhos que se entrelaçam, mesmo seguindo em diferentes paralelos. Um destes paralelos caminha na direção do encontro com o outro, reavivando a compaixão através da doação, neste sentido é revelado o sentimento de pertença que a pouco comentávamos, aqui doação deve ser entendida como sinônimo de (com)partilhar, doar dons. Nos ateremos com mais detalhes posteriormente. O outro paralelo caminha ao encontro do consigo mesmo, reavivando um sentimento filial através da contemplação e da intimidade com a grande Mãe e Gaia, o Planeta Terra, de onde fomos todos gerados. A palavra homem provém do termo latim *humus* que significa terra fecunda. Estes paralelos se entrelaçam enquanto o caminho que me leva ao encontro do outro me ajuda a chegar ao caminho que me leva ao encontro de mim mesmo ou vice-versa.

Essa cumplicidade e essa (com)paixão pelo outro e pelo planeta faz de nós verdadeiros educadores ambientais buscando resgatar a magia e o encanto do encontro com a paisagem e o lugar de forma a despertarmos e sensibilizarmos para uma consciência ambiental. E mais do que simples educação, a educação ambiental é uma educação para a vida. Assim, este trabalho se torna um convite a partilhar da emoção de quem viveu por imagens e paisagens, saberes e cuidados de magia e sacralidade do sertão pernambucano.

A vivência e a experiência são valiosos recursos de aprendizagem e assimilação, mais até do que aquele aprendido na sala de aula, e que pode ser esquecido,

lembramo-nos do estímulo devido à associação de personalidades e interesses, relacionados mas variados. O período estudantil deveria convidar a algo mais do que as matérias estudadas. Não gostaria de pensar em alguém como produto de uma escola em particular, mas em alguém que foi descoberto e cuidado no tempo certo por bons jardineiros. E deste modo nos voltamos para as plantas jovens que podem florescer sob nossos cuidados, ou que podem fazê-lo sem eles.(SAUER, 1968, p. 2)

Torna-se um ato de extrema ignorância restringir a Educação Ambiental somente às instituições, “o mundo da natureza, bem mais do que o silêncio das igrejas ou dos lugares acadêmicos de aulas e de estudos, tornou-se para mim a melhor parte do ‘meu mundo’”. (BRANDÃO, 2007, p. 33). Não podemos nos fechar em nossos mundos ilusórios, e viver a ciência pela ciência, ou educação pela educação. A verdadeira universidade é a vivência, e cada momento, cada experiência é uma nova lição a ser aprendida e apreendida e nunca mais esquecida. O Sertão, seus povos, todos que lá conhecemos tornaram-se verdadeiros pedagogos, transformando-nos com sua pedagogia. Compreendemos que o conhecimento que com eles adquirimos, não é simplesmente físico ou social, é único e onírico. Saber compartilhado e que permanece vivo em nossa memória, assim como as fábulas e as ficções que em nós residem e resistem. “Todos nós somos Alice no país das maravilhas, Guliver em Liliput e Brobdingnag. Fantasmas, sereias, marcianos e os sorrisos dos gatos de botas de Cheshire acompanham-nos em casa e na amplidão”. (LOWENTHAL, 1982, p. 120).

Quando essas experiências se tornam parte da educação, somos transformados. E, então, passamos de educadores ambientais a alunos da Mestra Mãe-Natureza, esta que faz da vivência ambiental uma bússola a nortear nossa vida em direção ao cuidado e a conservação da Terra-Planeta-Gaia!

Quando olhamos para as atitudes que o homem vem tomando é fácil de observar a veemência com que o Planeta Terra é destruído indicando um advento de intempéries e desmazelas. Enquanto educadores ambientais a certeza que podemos ter, é de que assim como com a Natureza, de quem somos todos parte, ao vivermos dela e nela e ao nos apropriarmos de suas frações, nesta frágil capa de presença da vida a que damos o nome de Biosfera é o de sofreremos o seu mesmo destino. Se ela viver, viveremos também nós e nossos descendentes, com uma diferença a natureza conseguirá se reerguer, como já fez após outras hecatombes, e nós seres humanos estaremos fadados a sofrer o mesmo destino dos reptéis que um dia foram a espécie dominante em nosso planeta, os dinossauros.

O Planeta e a humanidade necessitam de mudança, necessitam de

novos modelos holísticos e holotrópicos de “ver” e de pensar, associados a novas formas de criar conhecimento e fazer ciência, são inevitáveis novas atitudes pessoais para com “o próprio eu”, para com “o meu outro”, para com “a vida e o mundo”, apontam para uma nova compreensão de que, de um modo ou de outro, todas as pessoas são convocadas a participarem de redes e de teias de transformações para além de “si-mesmas”. (BRANDÃO, 2005, p. 140)

Não podemos nos aquiescer e permanecermos estáticos vendo os homens se acabarem e acabarem com nosso planeta, é preciso que nos mobilizemos, é preciso suar a camisa, mudar atitudes e reavivar valores.

Que sejamos, portanto inspirados pelo poema extraído da obra “Orar com o corpo”, de Brandão (2002, p. 94):

Ressuscitar

Que meu corpo

Alimente um pé de cedro.

Que minha alma

O embale com o vento.

Na perspectiva de um reavivamento de sentidos e sentimentos vislumbraremos caminhos onde tentaremos retornar ao vivido e ao experienciado, sustentado e embasado pela fenomenologia enquanto arcabouço teórico metodológico, resgatando valores e sentimentos como o de pertencimento, amor e compaixão ao outro e ao lugar, este entendido como espaço físico cunhado de sentido e significância pelo ser humano. Assim, o nosso caminhar segue pela via de integração da natureza e da cultura na ressonância de ecos do saber ambiental e da ética cultural. E nessa busca, “encontra-se a paisagem evocando sentimentos, emoções, lembranças, evocando o espírito do lugar – “inscape” (GRATÃO, 2008 a, p. 233).

A geografia fenomenológica presente neste texto surge como questionadora do método dedutivo da geografia positivista. Esta nova forma de fazer geografia abriu novos horizontes despertando interesse pelas representações e percepções do espaço. Aqui a paisagem apresenta-se a partir dos órgãos dos sentidos, sendo, portanto da ordem do sentir. Ela é o prolongamento de uma atmosfera, de uma ambiência. Reis e Gratão (2006) vão dizer que “conhecer a paisagem e encontrar o lugar como uma busca de experiência através de sensações, informações, narrativas, evocações, significados, revelações, inflama os sentimentos fazendo surgir um encontro revelador com a fenomenologia”.

E é por isso que julgamos a fenomenologia enquanto aporte teórico e metodológico – ou simplesmente o caminho – mais adequado para orientar nossas reflexões neste trabalho.

(Des)caminhos...

Com o advento dos séculos, de maneira mais intensa a partir do século XVIII, com a revolução industrial, grandes transformações foram ocorrendo no seio de nossa grande Mãe Terra ou segundo alguns cosmólogos Gaia, fazendo com que valores essenciais para a manutenção da vida se percam, desfigurem e se reproduzam de maneira antagônica aos seus princípios originais e verdadeiros, transformando o social em individual. Valores como família, comunidade, escola, nação e humanidade se tornam apenas conceitos vazios com propósitos de manipulação ideológicos e político de dominação, sufocando toda e qualquer forma de cumplicidade com a vida, justificados pelos objetivos da produção, do processo financeiro e do mercado de consumo que tem sua lógica pautada no individualismo e na competição.

Este processo de não cooperação aliado à equivocada busca por uma falsa felicidade, que possui alicerces constituídos pelo “TER” e não pelo “SER”, se intensifica cada vez mais e faz com que grande parte da vida no planeta esteja rendida a dor, ao sofrimento, à fome e até mesmo, a morte em benefício da ganância.

O ser humano dentro do complexo sistema cósmico evolutivo – que significa, além de mudanças biológicas, mudanças nos modos de dizer, de ser, de conviver, de produzir, de simbolizar e de espiritualizar – desenvolveu uma capacidade de reflexão que o diferencia dos outros mamíferos. A semelhança biológica que existe entre nós mamíferos da espécie *homo sapiens* e nossos parentes mais próximos os primatas, é de uma carga genética compatível em 98% se diferenciando em apenas um ácido na cadeia genética. Essa pequena diferença foi responsável pelo desenvolvimento de um

complexo meio de comunicação – a linguagem. Esta por sua vez possibilitou ao ser humano desenvolver cada vez mais sua capacidade intelectual, tendo poder de pensar sobre o que foi e o que será sobre si mesmo, contudo, de maneira paradoxal, atualmente abdica cada vez mais dessas faculdades, voltando-se para si próprios e delegando-as a máquinas que ele mesmo inventa. Em resumo, há de convir que a sociedade humana tende a se tornar cada vez mais “desumana”, se é que se pode dizer assim. O indivíduo passa a ser simples número. E, como tal, totalmente “cadastrável”, ou então, simplesmente “cancelável”. O que significa deixar de existir (FORATTINI, 2000, p. 64-81).

Nossa espécie ao mesmo tempo em que é sábia é também demente.

Toda nossa cultura, à deriva do iluminismo, exalta o *homo sapiens*, o homem sábio. Duplicou-lhe até a qualificação. Chama-o de *sapiens sapiens*, sábio-sábio.(...)

Curiosamente, os mesmos que afirmavam tais excelências do ser humano na Europa, especialmente a partir da Revolução Francesa (1789), as navegam em outros lugares: escravizam a África, assujeitavam a América Latina, invadiam a Ásia. Por onde passavam deixavam rastros de devastação e de pilhagem de riquezas materiais e culturais. Mostravam no ser humano o lado de demência, de lobo voraz e de satã da Terra. É o *homo demens demens*. (BOFF, 1998, p. 18-19)

Cooptados pela ganância e vontade de “*ter*”, o *homo sapiens/demens* desenvolveu um imenso poder destrutivo, sem pensar nas terríveis conseqüências para seus semelhantes e todo planeta. Atingiu desenvolvimento tecnológico nunca visto na própria história. Aprendeu a construir máquinas capazes de operar um número incontável de dados e naves passíveis de o levar a outros planetas. No entanto, “ainda não conseguiu evitar a violência contra si mesmo. Tanto no âmbito social e, após milhares de anos, ela continua a ensangüentar a humanidade” (FORATTINI, 2000, p. 152) e o Planeta Terra.

Neste mundo de egoísmo e individualismo, onde o que prevalece é a competição e não a colaboração, princípios como amor, cuidado, compaixão e doação são considerados obstáculos. A vida, o Ser humano e o meio ambiente se tornam obsoletos e sofrem um morrer a cada dia com o descaso em relação à situação dos pobres e marginalizados, com o total abandono dos sonhos de amor e generosidade, a perda da dimensão espiritual do ser humano, o abandono da reverência indispensável para cuidar da vida e de sua fragilidade, com o descaso do cuidado com nossa casa comum, o Planeta Terra. “E o pior dos sentimentos que nutrimos em quanto filhos da grande Mãe-Terra, seja talvez a arrogância”. O desrespeito que votamos contra o Planeta volta-se progressivamente contra nós mesmos. “De maneira um tanto paradoxal, na vida em comum cada vez mais nos afastamos uns dos outros.” (FORATTINI, 2000, p. 94).

(En)caminhos...

Antes, os seres humanos se permitiam esbanjar dos recursos naturais, desmatar, poluir as águas, caçar e matar animais sem se importar ou cogitar a hipótese de que isto um dia poderia os faltar, levando-os a destruição de sua própria espécie. Nunca pensou o ser humano ser ele mesmo o responsável pelo seu próprio extermínio. Contudo os recursos naturais oferecidos por este Planeta nunca foram e nunca serão inesgotáveis e

esgotá-los significa estarmos a um passo do abismo, prestes a cair no precipício da autodestruição. A espécie humana será exterminada a exemplo dos dinossauros e a causa deste extermínio não vem de nenhuma ameaça cósmica, muito menos de um cataclismo natural, vem da própria atividade humana que teima em sugar toda e qualquer forma de vida existente em nosso Planeta.

Valerá a pena recordar um diálogo relatado por Jean de Léry quando no século XVI, nos visitou na região do atual Rio de Janeiro:

Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu *arabutan* (pau-brasil). Uma vez um velho perguntou-me: Por que vinde vós outros, *mairs* e *perôs* (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraímos tinta para tingir, tal qual faziam eles com os seus cordões de algodões e plumas. Retrucou o velho imediatamente: e porventura precisais de muito? – Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados. – Ah! Retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que lhe dissera: Mas esse homem tão rico de que me falas não morre? – Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo: e quando morrem para quem fica o que deixam? – Para seus filhos se os tem, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos. – Na verdade, continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros *mairs* sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que o sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois de nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados. (LÉRY Apud FORATTINI, 2000, p. 226)

Pensando nisso, de saída devemos renunciar a qualquer arrogância ou pretensão de privilégio ou de domínio. Não assistimos ao nascimento do universo. Não é a terra para nós. Nós somos para a terra. Ela não é fruto de nosso desejo. Nem precisou de nós para produzir sua imensa complexidade e biodiversidade. “Nós somos resultado de processo cósmicos, planetário e biológicos anteriores ao nosso aparecimento. Somos os últimos a chegar. Entramos em cena quando já havia transcorrido 99,98% da história do universo” (BOFF, 1998, p.153).

Não podemos ficar bem se a Terra estiver mal, pois esta se constitui de um todo orgânico (Gaia), onde cada parte está no todo e o todo está na parte. Ela não pode sobreviver em fragmentos.

Estamos em um momento da história em que temos que escolher entre dois caminhos, um nos levará ao prolongamento da vida, e o outro ao inferno e cujo portal Dante Alighieri escreveu: deixai toda esperança, vós que entraís.

Se escolhermos o caminho que nos leva ao prolongamento da vida é preciso ter ciência que durante o percurso teremos que fazer uma revolução no modo de agir,

em nossa mente e em nosso coração. Precisaremos mudar drasticamente nosso comportamento em relação para com a Terra, orientados por três eixos, ter a vida, amar a vida e ser a vida.

Com referência ao ter a vida, a Declaração Universal dos Direitos Humanos anuncia o advento de um mundo no qual, os seres humanos nasceriam livres e iguais em direitos. Por esse documento, o relacionamento entre seres humanos se faria em espírito de fraternidade. Esse ambiente mundial fraterno seria o desejável para que cada um de nós pudesse “ter a vida”.

A palavra amor – referindo-se ao Amar a vida – serve para designar ampla gama de relações interpessoais. Assim sendo nela se inclui um sentimento interpessoal em relação às atividades ou formas de vida. O amar a vida se dá enquanto cumplicidade, compaixão para com o outro e para com o Planeta.

Já o ser a vida, é reconhecer-nos dentro da complexidade dinâmica de relações cósmica evolutivas do planeta, sendo apenas parte deste processo. Reconhecer-nos como atores coadjuvantes na imensa peça da vida do Planeta.

A Caminhada...

Estruturada, orientada e sonhada dentro dos três eixos acima mencionados: ter a vida, amar a vida e ser a vida, surge a Caminhada da Doação como refluxo da maré de destruição e indiferença para com a Terra e o próximo, estando em perfeita harmonia com as declarações da Conferência Intergovernamental de Tbilisi sobre Educação Ambiental.

A educação ambiental deve ser dirigida à comunidade, despertando o interesse do indivíduo em participar de um processo ativo no sentido de resolver os problemas dentro de um contexto de realidades específicas, estimulando a iniciativa, o senso de responsabilidade e o esforço para construir um futuro melhor. Por sua própria natureza, a educação ambiental pode, ainda, contribuir satisfatoriamente para renovação do processo educativo. (UNESCO, 1997, p. 19)

Em janeiro de 2008 estrutura-se um grupo, coordenado por Antonio Alencar Sampaio, no Sertão de Araripe-PE para um acontecimento denominado Caminhada da Doação. Algumas pessoas desse grupo há alguns anos já se reuniam para uma caminhada ecológica e de troca de experiências. Na caminhada ecológica de janeiro de 2007 foi discutido e refletido entre o grupo que as experiências deveriam se estender para além do grupo, beneficiando as comunidades locais por onde estes passassem em caminhada, além é claro das trocas de experiência entre eles próprios.

Esse cuidado com o nicho ecológico só será efetivo se houver um processo coletivo de educação, em que a maioria participe, tenha acesso a informação e faça “troca de saberes”. O saber popular contido nas tradições dos velhos, nas lendas e nas histórias dos índios, caboclos, negros, mestiços, imigrantes, dos primeiros que aí viveram, confrontado e complementado com o saber científico. Esses saberes revelam dimensões da realidade local e são portadores de verdade e de sentido profundo a ser decifrado e incorporado por todos. (BOFF, 2008, p.136)

Assim, a caminhada ecológica em janeiro de 2007 passou a ser Caminhada da Doação.

A primeira Caminhada da Doação aconteceu no Estado de Pernambuco, na Chapada do Araripe. O grupo que contava com aproximadamente 60 pessoas, somando 25 oficinas que estenderiam as trocas de experiência às comunidades, se reuniu no alto da chapada, em um pequeno vilarejo já próximo da divisa com o estado do Ceará, onde permanecemos durante dois dias e uma noite se preparando e se harmonizando para sairmos em caminhada. O grupo era bem heterogêneo contava com médicos, psicólogos, jornalistas, ambientalistas e muitas outras vocações. Muitos participavam pela primeira vez, entre estes nos encontrávamos.

O espírito com o qual todos deveriam se inspirar, e até mesmo encarnar durante a caminhada é o do Retirante, ou como diz o sertanejo “*arretirantê*”. O *arretireiro* deixa sua terra, sua casa em tempos de seca e vai em busca de terras mais férteis. E nós também temos que ser *arretireiros* buscando não novas terras, mas nós mesmos. Como *arretireiros*, devemos deixar nossas casas em um caminhar fraterno ao encontro de nós mesmos.

Os locais onde as oficinas foram ofertadas, Exú-PE e Ouricuri-PE, foram previamente preparados por equipes locais que se encarregaram de divulgar e inscrever a população. Cada oficina enviou um pequeno projeto de oficinas com duração de trinta e duas horas com dois meses de antecedência aos coordenadores das equipes locais, para que estes pudessem se organizar. As oficinas foram bastante diversificadas, iam da medicina alternativa com curso de fitoterapia, tai-chi-chuan e shiatsu até a educação ambiental com cursos de reciclagem, reaproveitamento alimentar e trilhas além de muitos outros cursos, oficinas e palestras.

Carlos Brandão diz que duas vocações nos movem quando saímos e vamos, “ambas devem ter suas raízes na gratuidade e na generosidade. A primeira: estarmos juntos pelo desejo puro e simples da convivência com o outro. A segunda: caminharmos juntos por um lugar de natureza sem um outro desejo além do caminhar e do chegar a algum lugar” (BRANDÃO, 2007, p. 35). Assim, saímos do alto da Chapada, percorremos durante três dias um longo percurso até a cidade de Exú-PE permanecendo ali durante quatro dias, compartilhando experiências e sentimentos com toda a comunidade. Seguindo depois – durante dois dias – para a cidade de Ouricuri-PE, onde mais uma vez nos nutrimos do sentimento da partilha de experiências vivenciadas neste pequeno município durante quatro dias. Com o término das oficinas seguimos em caminhada durante meio dia para uma pequena chácara na zona rural desta mesma cidade, onde depois de três dias encerramos as atividades. Todo percurso somou por volta de cem quilômetros não só de chão, como também de vivências, experiências, sentidos e sentimentos adquiridos e partilhados.

O caminho...

A Caminhada da Doação projetou-se em dois sentidos que ressoou nos três eixos – ter a vida, amar a vida e ser a vida – que são fundamentais para a continuação da vida sustentável em nosso Planeta. Estes sentidos foram se projetando concomitantemente durante toda a caminhada.

Um orienta-nos em direção ao outro, ao próximo. É o princípio da doação presente na caminhada que segue em sentido oposto ao (des)caminho, descrito em um dos subtítulos já discutidos anteriormente neste texto. Este sentido guia-nos em direção ao (en)caminho, também já discutido aqui, que nos apresenta posturas éticas, morais, culturais e espirituais para o resgate da vida na Terra e da Terra.

O outro sentido orienta-nos em direção de nós mesmos. É um convite a olharmos para dentro de nós através da contemplação da paisagem e do lugar. Este sentido se dá no próprio ato de caminhar, ver e conversar. “O olho que vê e fala o mundo, é o mundo que o olho vê e fala” (BOFF, 1998. p.153).

Para compreendermos melhor essas questões é preciso rediscutir alguns conceitos que na geografia fenomenológica se encontram tão cheias de significâncias.

A geografia vai se ocupar do estudo do relacionamento do homem com aquilo que o circunda. Portanto, entendemos e compreendemos que o saber geográfico é também, o relato de vivências e experiências do homem no seu meio – enquanto condição e existência. Nesse sentido, Besse revela que

todos sabem que o saber geográfico é a expressão das aventuras de um olhar viajante. Originalmente, o saber geográfico é a repercussão ou o prolongamento de uma experiência. A geografia é freqüentação do mundo e paixão pelo mundo na sua densidade e variedade fenomenal, ao mesmo tempo que é uma ciência do espaço. (BESSE, 2006, p. 82)

É claro a necessidade de manutenção da vida em nosso planeta, e nesse sentido precisamos muito mais que uma geografia fria e calculista instrumento de guerras e disputas por territórios, é preciso uma geografia mergulhada no próprio ato de viver,

uma geografia que não faz da vida uma paisagem empobrecida em suas partes cartografáveis, mas sim uma geografia que busque o sentido da vida humana enquanto labuta diária, prene de imaginário, vivência, fantasias, mentiras e verdades, aparências e essências que se integram na busca da existência humana como na elaboração de uma obra de arte. (FERRAZ, 2006, p.31)

Assim, o que poderíamos mais pensar se não concordar com as palavras de David Lowenthal quando diz que “qualquer pessoa que examina o mundo ao redor de si é, de algum modo, um geógrafo” (LOWENTHAL, 1982, p. 105). Portanto, um geógrafo não pode se prender a conceitos meramente vistos e decorados em uma instituição impregnada de ideologias, que tentam nos convencer de que o mundo seja puramente construído por relações sociais de produção ou coisificação da natureza e dos homens. A geografia, pela via da educação, existe há muito mais tempo que as instituições. Tem a mesma idade do homem e sua cultura, assim, não podemos separar natureza e cultura. Precisamos aprender a pensar as interações Homem/Paisagem e Homem/Lugar.

A paisagem e O lugar..

Para preservar é preciso amar, mas como amar o que não se conhece? E conhecer o que não se sente? Mattos (1995, p.49) sugere que o ESPAÇO “concentra os sentimentos que os moradores atribuem aos locais não conhecidos, inseguros, abertos e desprezados.” O LUGAR concentra significados e sentimentos das pessoas. Portanto para que as pessoas preservem, os ESPAÇOS precisam primeiro se tornar LUGARES.

Assim Anne Buttimer repleta de um espírito existencialista e inspirada pela concepção heideggeriana se substância de conceitos desta filosofia e os transpõe para a geografia. O “dwelling” termo alemão usado por Heidegger oferece para geografia uma valiosa perspectiva, significando mais que morar ou cultivar um espaço.

Significa viver de modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para o futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (BUTTNER, 1982, p. 166).

O habitar vislumbrado desta perspectiva se abre para uma humanização da terra, é o explorar a “*terrae incognitae*” da mente e da imagem, possibilitando o diálogo entre a geografia e várias outras disciplinas, colocando nossas maneiras de conhecer em harmonia mais estreita com nossa maneira de ser no mundo (BUTTNER, 1982, p. 166).

A paisagem é tão essencialmente humana quanto natural, portadora de um sentido, porque ela é a marca do encontro entre a Terra e o homem.

Dardel vai dizer que a paisagem não é um círculo fechado: ela é desdobramento, ela é fundamentalmente um horizonte que se abre. Ela só é geográfica pelos seus prolongamentos, pelo plano de fundo real ou imaginário que o espaço abre além do olhar.

Le paysage n'est pas un cercle fermé, mais un déploiement. Il n'est vraiment géographiquique que par ses prolongements, que par l'arrière-plan réel ou imaginaire que l'espace ouvre au delà Du regard. A l'horizon de La plaine canadienne. (DARDEL, 1990, p. 42)

Durante o caminho percorrido na Caminhada da Doação nos deparamos com a paisagem de um Bioma, já lido e pesquisado nos livros em tempos de escola e recentemente na universidade. Mas para nossa surpresa, as imagens que ali presenciávamos não eram iguais as que víamos e líamos nos livros. As imagens de livros têm gosto e cheiro de papel, enquanto que as imagens que contemplávamos naquele instante tinham cheiro e gosto de Caatinga, tinham gosto de pitomba, de siriguela, de imbu e araticum, frutos que, como diz o sertanejo não tem gosto nem pra menos nem pra mais, se come quando se quer comer; É a paisagem da Caatinga apreendida pelos sentidos e o imaginário. Lívia de Oliveira (2000) revela em seus escritos sobre paisagem geográfica que vivemos rodeados de coisas que não foram criadas por nós “e que têm vida e estrutura diferente da nossa: rios, vales, montanhas, colinas, árvores e flores”, portanto, essas coisas não se compõem apenas de volumes, mas também, de “movimentos, cores, odores e sons”. Continua ainda dizendo que,

Desde séculos eles nos inspiram curiosidade e respeito e, na maioria das vezes, sua composição ou arranjo nos tem sido motivo de prazer. Temos recriado em nossa imaginação e pensado neles como elementos de uma idéia a que chamamos de paisagem. Nossa tarefa é ultrapassar a paisagem visual para chegar no seu significado e valor”. (OLIVEIRA, 2000, p.17).

Neste sentido PAISAGEM se faz LUGAR, “o espaço do sentir, ou seja, o espaço original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, ‘selvagem’, numa primitividade que precede toda a intuição e toda significação.” (BESSE, 2006, p. 80). Quando o espaço se torna lugar nos encontramos num estado de encantamento, é quando nos sensibilizamos diante da Mãe-Terra e damos os primeiros passos em direção à alma para depois seguir até o coração, dando

início a uma metamorfose e como dizia Carson (1962): “o saber não tem metade da importância do sentir.” É a transformação da lagarta em borboleta.

Como falamos o espaço é diferente de lugar, “pois este é para onde converge a afetividade que os indivíduos adquiriram através de sua experiência vivida, ordenando seu mundo e atribuindo-lhes significados.” (MATTOS, 1995, p. 49). O lugar pode existir em várias escalas. Tuan (1982) diz que o lugar pode ser uma poltrona perto da lareira, como também um estado-nação, a diferença desses lugares está em como apreendê-los. Pequenos lugares podem ser apreendidos pela experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar, o que não é possível com “grandes lugares” como é o caso do estado-nação. A apreensão desses “grandes lugares” só é possível quando estes se tornam “localização de lealdade apaixonada” (TUAN, 1982, p.149) através do meio simbólico da arte, da educação e da política.

Se o ser humano quiser ser feliz precisa primeiro aprender a amar seu lugar, desenvolver a *Topofilia*.

O vislumbre da chegada...

Existem três palavras que resumem toda nossa caminhada: verdade, simplicidade e amor. Verdade no que fazemos; simplicidade no como fazemos; e amor por tudo, pelo outro, pelas criaturas, pelo universo e por nós mesmos. Este amor se resplandece nas vivências, experiências e nas oficinas preparadas por cada “*arretirantê*”.

Nesse sentido a Caminhada da Doação muda conceitos, cria atitudes que corroboram para um mundo melhor, um mundo sustentável.

Adélia Prado vai dizer que o que amamos a memória se eterniza, portanto não adianta falar em conservação para as pessoas se elas não nutrem sentimento algum pelo algo a ser conservado. Todo trabalho desempenhado será em vão. Desaprendemos a amar as coisas simples. Jogo o lixo na rua porque ali não é minha casa, não nutro sentimento nenhum de pertencimento ao lugar rua. O ser humano precisa sentir-se natureza. Quanto mais mergulhado nela, mais sente quando deve mudar e quando deve conservar em sua vida e em suas relações.

Precisamos reaprender a amar, a enxergar o Planeta Terra como uma Grande Casa Comum; a olhar para os outros e nos enxergarmos neles; a termos a simplicidade de São Francisco de Assis apontada por Rubem Alves, ao dizer que não acreditava que São Francisco pregava sermões aos animais. Ele acreditava exatamente o contrário, “que o santo conversava com os animais, escutava o seu silêncio, e, se ele falava alguma coisa, era como aluno que repete em voz alta aquilo que aprendeu dos seus mestres”. Diz ainda que “Não era o santo que pregava aos animais; eram os animais que lhe ensinavam a sua sabedoria”. O que o leva a deduzir que talvez seja esta a razão pela qual São Francisco seja tão amado, “porque nos seus gestos e palavras ele nos diz de um jeito de ser de planta e bichos de que nos esquecemos e de que queremos lembrar, para sermos menos infelizes”. (ALVES, 1993, p. 63).

Valores humanos como estes de sensibilidade, cuidado, conviviabilidade e veneração podem impor limites à voracidade da dominação e da exploração, possibilitando a (re)integração do homem com a natureza.

Bibliografia

ALVES, Rubem. **Aprendiz de mim: um bairro que virou escola.** Campinas: Papirus, 2004.

_____. _____. **Conversas com quem gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez, 1985.

_____. _____. **Mahatma Gandhi: a poética dos gestos poéticos.** São Paulo: Brasilienses, 1983.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano- compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, ed.14, 2008.

_____. _____. **O Despertar da Águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos R. **Orar com o corpo.** Campinas: Verus, 2005.

_____. _____. **O vôo da arara azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental.** Campinas: Armazém do Ipê, 2007.

_____. _____. **As flores de Abril: movimentos sociais e educação ambiental.** Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. _____. **Saber e ensinar: três estudos de educação popular.** Campinas: Papirus, 1984.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido, in: CHRISTOFOLETTI, Antônio, **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982, p. 165-193.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa.** São Paulo: Melhoramentos, 1962.

DARDEL, Eric. **L'homme et la terre: nature de La réalité géographique.** Paris: CTHS, 1990.

DIAS, Rosa M. **Nietzsche Educador.** São Paulo: Scipione, 1991.

FERRAZ, Cláudio B. O. Uma geografia do menino – pai do homem. Cascavel, **Perspectiva Geográfica**, n. 2, 2006, p. 21-34.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. **O Ser e Ser Humano.** São Paulo: Edusp, 2000.

GRATÃO, Lúcia Helena B. A Poética d' "O Rio" Araguaia! De Cheias... & Vazantes... (À) Luz da Imaginação! 2002. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo.

GRATÃO, Lúcia Helena B. O lugar do turismo na (con)ferência da terra. In: SEABRA, Giovanni (org.). **Terra: mudanças ambientais globais e soluções locais**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008 a, p. 231-240.

GRATÃO, Lúcia Helena B. (Agri)cultura cerradeira e agronegócio: olhar de alerta e grito de conservação. In: PAULINO, Eliane T.; FABRINI, João E. **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008 b, p. 469-489.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 104-141

MATTOS, Rogério B. O mundo vivido por uma comunidade urbana: o caso do condomínio residencial José de Alencar. **Caderno Geociências**, Rio de Janeiro : IBGE, n. 13, 1995, p. 47- 62.

MORALES, Ângela G. A arte do afeto na educação Ambiental. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOLOGIAS CORPORAIS. 1, 4, 9, Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN – 85-87691-12-0]

OLIVEIRA, Livia. Percepção da Paisagem Geográfica: Piaget, Gibson e Tuan, **Geografia**. Rio Claro, v.25, n. 2, 2000, p. 5-22.

_____, _____. Estudos de percepção de meio ambiente no Brasil; **OLAM – ciência & tecnologia**. Rio Claro, v. 4, n. 1, 2004, p. 22-26.

PATATIVA DO ASSARÉ (Antônio Gonçalves da Silva). Cante lá que eu canto cá, Filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis/RJ: Vozes, 1978.

REIS, Deyvid Fernando dos; GRATÃO, Lucia Helena Batista. Um encontro com a fenomenologia: a celebração do mundo vivido. In: Encontro Semana de Geografia, 22, 2006, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2006.

SAUER, Carl O. (trad. HOLZER, Werther). A educação de um geógrafo. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro : UFF, ano 2, n. 4, 2000, p. 137-150.

TUAN, YI-Fu. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p.143-164.

UNESCO (org). **Educação Ambiental**: as grandes orientações da conferência de Tbilisi. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos Renováveis, 1997.